



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS**

CHARTON HESTON RÊGO NORONHA GONÇALVES

**A FOLHAGEM DOS BOSQUES E AS ROCHAS ANCESTRAIS: DESEJO
MIMÉTICO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES**

CARAÚBAS/RN

2022

CHARTON HESTON RÊGO NORONHA GONÇALVES

**A FOLHAGEM DOS BOSQUES E AS ROCHAS ANCESTRAIS: DESEJO
MIMÉTICO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Felipe Martins Pone

CARAÚBAS/RN

2022

CHARTON HESTON RÊGO NORONHA GONÇALVES

**A FOLHAGEM DOS BOSQUES E AS ROCHAS ANCESTRAIS: DESEJO
MIMÉTICO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES**

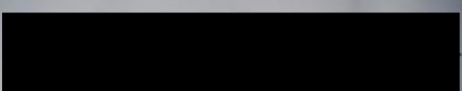
Monografia apresentada a Universidade Federal
Rural do Semi-Árido como requisito para
obtenção do título de Licenciado em Letras-
Inglês

Defendida em: 08/ 06 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA

 Assinado de forma
digital por Pedro
Felipe Martins Pone
Dados: 2022.06.08
17:34:59 -03'00'

Prof. Dr. Pedro Felipe Martins Pone (UFERSA)
Presidente



Profa. Dra. Monaliza Rios Silva (UFAPE)
Membro Examinador

Cícera Antoniele Cajazeiras da
Silva  Assinado de forma digital por Cícera Antoniele
Cajazeiras da Silva
Dados: 2022.06.09 09:16:50 -03'00'

Profa. Dra. Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Pedro Pone, por ter aceitado o convite e, tão brilhante e pacientemente, ter me orientado nesta presente produção. Obrigado por me apontar uma finalidade no curso: a literatura! Grato ainda pela pluralidade docente que me apresentou ao pensador francês René Girard, fato este que acabou me estimulando muito mais, tendo em vista a oportunidade que me deu de ler, refletir e escrever sobre uma linha teórica/ideológica que, pessoalmente, me familiarizo. Obrigado, sobretudo, por ter provocado em mim, o desejo pela literatura, despertando ainda, o desejo de seguir carreira, também, como escritor.

Minha gratidão póstuma a Guiomar de Albuquerque Rêgo, Adenauer Noronha Correia e a minha querida médica dermatologista Dr^a. Márcia (*In Memoriam*).

Aos tios Charley e Eisenhower Noronha, José Rêgo e ao meu padrasto Ernilson Lima, obrigado por terem sido as melhores influências acadêmicas na minha vida. Vocês são mais do que responsáveis – pelos exemplos – de ter me esforçado para concluir os meus estudos.

Cuidar da alma é também muito importante. Sou grato ao amigo e irmão de fé Geraldo Cleudes e família, obrigado pelos esforços em me apresentar ao cristianismo e sua filosofia de vida que fornece base intelectual nas necessárias costuras de conceitos literários.

Aos queridos Professores dos tempos de IFRN, pelos incentivos e ensinamentos prévios pelos quais consegui chegar até a UFERSA.

A Edinaide Rêgo, minha esposa, obrigado pelos incentivos, por sonhar comigo e pelos esforços que colaboraram para que juntos possamos estar realizando esse nosso sonho.

A minha maior fonte de inspiração, meu orgulho máximo e fortaleza, Fátima Rêgo, mamãe: obrigado por me amar de maneira incondicional e por ser, genuinamente, a maior e melhor incentivadora que eu tenho. Saiba que – em muitos momentos – quando pensei em desistir, era o seu rosto sorridente e incentivador que enxergava.

A Liberta Noronha, minha outra mãe, obrigado pelos cuidados e proteção quando mais precisei na tenra idade.

A Maria Matias Noronha Correia, minha avó e mãe-mor, obrigado pelos balanços na rede e pelas mãos que preparavam o delicioso e diário mingau. Sua dedicação, cuidados e proteção me garantiam o sono e o alimento quando tudo desabou.

Aos meus irmãos: Grace Kelly, Adenauer Júnior, Luanda e Ianca Rêgo, dedico este momento. As vitórias de todos vocês são as minhas, assim como, tenho certeza, que se esforçam e vibram com as minhas.

A Heitor Rêgo, o melhor amigo que eu poderia ter, meu filho amado e motivação-mor para todas aquelas viagens no ônibus (Apodi-Caraúbas). Obrigado por me emprestar o seu rosto, sempre presente na paisagem noturna pela janela do ônibus. Eu não podia desistir! Precisava, mais que tudo, ser o seu exemplo, pois eu sei muito bem quanta falta faz o exemplo de um pai.

Ao Professor Bruno Coriolano, um velho amigo e vizinho de infância. Obrigado pelas conversas, pelo exemplo.

Aos estimados e incentivadores Professores da UFRSA-Caraúbas, meu agradecimento pelos conhecimentos compartilhados em especial: Katiene, Sandra e Maíra.

Agradeço à Banca Examinadora pela atenção na leitura e apontamentos.

RESUMO

O presente trabalho pretende estabelecer diálogos entre *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë (2020) e a Teoria Mimética, do pensador francês René Girard (1990; 2009; 2012). Observando a natureza mimética do ser humano, buscamos identificar as manifestações do desejo triangulado e do mecanismo do bode expiatório, a partir de uma análise focada na personagem Heathcliff. Argumentamos, por fim, que Heathcliff elimina seus rivais, de maneira a não existir mais escapes para a violência. Como última medida, o protagonista sacrifica-se para o bem comunitário, tornando-se aquilo que Giorgio Agamben (2010) chama de devoto.

Palavras-chave: *O Morro dos Ventos Uivantes*. Emily Brontë. Teoria Mimética. René Girard. Literatura Inglesa.

ABSTRACT

The present work aims at establishing a dialogue between Emily Brontë's *Wuthering Heights* and René Girard's Mimetic Theory (1990; 2009; 2012). Observing the mimetic nature of the human beings, we seek to identify the manifestations of the mimetic desire as well as that of the scapegoat mechanism in an analysis focused on Heathcliff. Our argument is that Heathcliff eliminates the rivals making further violence impossible. As a final measure, the protagonist self-sacrifice for community well-being, becoming what Agamben (2010) names as the devotee.

Keywords: *Wuthering Heights*. Emily Brontë. Mimetic Theory. René Girard. English Literature.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
CAPÍTULO I: NOSSA DISCUSSÃO TEÓRICA	12
1.1. O olhar girardiano.....	14
CAPÍTULO II: QUEM ALIMENTA UM BICHO ACABA SENDO DEVORADO POR ELE.....	19
CAPÍTULO 3: A TRAIÇÃO E VIOLÊNCIA SÃO FACAS DE DOIS GUMES E FEREM MAIS QUEM DÁ O GOLPE DO QUE QUEM É GOLPEADO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desejo triangulado envolvendo Heathcliff e Hindley. Elaboração própria.....	23
Figura 2: Desejo triangulado envolvendo Heathcliff, Edgar Linton e Catherine. Elaboração própria.....	24
Figura 3: Desejo triangulado envolvendo Heathcliff, Hindley e a propriedade do Morro. Elaboração própria.....	27

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Certamente já nos questionamos sobre o mal e a sua origem. O que nos motiva a prática do ódio e dos justificações? O quão vingativos ou violentos podemos ser? Pensando nessas questões que o presente trabalho discorre um pouco sobre os conceitos fundamentais da Teoria Mimética, concebida por René Girard (1990; 2009; 2012), numa perspectiva de análise sobre o romance *O Morro dos Ventos Uivantes* da escritora inglesa Emily Brontë (2020). Por meio desses materiais, tentamos encontrar algumas respostas para essas e muitas outras indagações semelhantes.

René Girard, conhecido por suas teorias que consideram o mimetismo a origem da violência humana, desestruturando e reestruturando as sociedades, foi um pensador, filósofo e historiador francês cujo legado intelectual continua a afirmar que os nossos desejos não são inatos ou autônomos, mas compilados dos outros. Segundo Golsan (2014, p. 25), “seu principal interesse é examinar o funcionamento do que ele denomina de desejo mimético ou triangular”. O trabalho de Girard, antropológico sobretudo, dialoga diretamente com a tradição literária moderna (sua principal obra, *Mentira Romântica, Verdade Romanesca* (1961), se ancora em Cervantes, Stendhal, Flaubert e Dostoiévski) e também com alguns dos principais filósofos modernos.

Para dar conta de discutir a teoria do desejo triangulado em *O Morro dos Ventos Uivantes*, dividiremos nosso trabalho da seguinte forma:

No CAPÍTULO I, abordaremos a teoria girardiana desde a base até ao advento da ideia do desejo triangular. Esses esforços se dão para não somente termos acesso a Emily Brontë, mas, também, para em outros capítulos apresentarmos os principais personagens em sua obra, analisar o contexto histórico e discutir suas ações a partir da perspectiva da Teoria Mimética. Para tanto, nos valem dos necessários diálogos conceituais e críticos dos pensadores: Golsan (2014), Kirwan (2015), Carvalho (1990), Wasowski (2001), Teodorescu (2007) e Scoz (2018).

Já no CAPÍTULO II, nossa análise de *O Morro dos Ventos Uivantes* traz as relações de violência entre os personagens que são pautadas pelo desejo triangulado.

Trabalhamos tudo aquilo que envolve a personagem Heathcliff. Assim, chegamos à crise mimética percebemos que, de fato, são originadas pelas constantes e cíclicas ações de imitação, afinal, descobrimos em *O Morro dos Ventos Uivantes* um arsenal de exemplificações que confirmam a origem da violência no ambiente social retratado na obra.

O CAPÍTULO III finaliza a nossa análise ao nos concentrarmos em identificar as manifestações do mecanismo do bode expiatório, baseados em Girard (1990) como constitutivas da violência em *O Morro dos Ventos Uivantes*, dialogando com o conceito do “devoto” em Agamben (2010).

CAPÍTULO 1

NOSSA DISCUSSÃO TEÓRICA

René Girard (1923-2015) foi um pensador e historiador francês, apelidado por Michel Serres de “o Darwin das Ciências Humanas”, segundo Kirwan (2015). Foi Professor emérito das universidades de Strandford e de Duke, nos Estados Unidos, e foi nomeado membro da Academia Francesa em 2005. No entanto, de acordo com Kirwan (2015) o caminho até a consolidação e reconhecimento de Girard passou pela revelação de uma “nova antropologia” que traça um panorama da natureza humana, questionando e argumentando sobre o caráter mimético do desejo:

E fez isso num momento em que as maiores correntes de teoria crítica que emanavam da sua França nativa tendiam à “desconstrução” de sistemas recebidos da compreensão humana, vistos como meras “representações” que exteriorizavam o trabalho da própria mente humana, mas que perderam também, nessa redução, a sua própria percepção do mundo externo e da imagem do homem. (KIRWAN, 2015, p. 12)

Neste sentido, encontramos em Kirwan (2015) o que consideramos ser a melhor das conceituações a respeito de Girard: “Um reconstrutor de significados”. Ainda assim, compreender as teorias de Girard nos força a um exercício profundo que tem intrigado muitos acadêmicos atuais, uma vez que a essência do pensamento deste intelectual francês se fundamenta em bases interdisciplinares que fazem com que Girard questione a visão estrutural de pensadores renomados como Freud e Lévi-Strauss.

Adicionamos, ainda, um detalhe biográfico relevante, que é a conversão tardia de Girard ao cristianismo, aos 36 anos de idade. Antes disso, o jovem vivia um ambiente sociocultural marcado por ideias de esquerda, agnóstico. Essa informação se faz necessária, uma vez que Girard discute, em seus textos, a violência e o sagrado. De onde teria surgido esse interesse? Girard viveu na França no período da Segunda Guerra Mundial, testemunhando, além da resistência aos delírios contagiantes do fascismo, o suicídio do seu irmão. Essa transcendência do lado pessoal, regada por um momento histórico marcado por violência, aquisições acadêmicas, provavelmente nos levam a entender a obsessão com os temas que

estuda.

As mesmas questões sobre violência, sagrado e religiosidade podem ser percebidas no romance *O Morro dos Ventos Uivantes*. E esse entendimento é possível ao nos depararmos com uma narrativa que se passa no interior da Inglaterra, no século XVIII, entre os Earnshaw e os Linton; famílias de posição equivalente a uma “classe média alta” na hierarquia social inglesa. No entanto, dentre as duas famílias, a posição dos Linton era mais alta e mais segura, e eles faziam questão de mostrar isso em seu comportamento, que contrastava com o dos Earnshaw, que eram menos educados e refinados. O caráter mais sombrio da história pode é ainda melhor percebido a luz das colocações da pesquisadora Marcia Heloisa, no prefácio da edição de 2020, por ela traduzida e prefaciada:

[...] *O Morro dos Ventos Uivantes* é para mim mais que isso. Tenho a impressão de que seu universo intenso e perturbado [...] uma criatura que, como um demônio pertinaz, se apossa dos leitores [...] não é uma simples história de amor: é uma história de terror [...] uma narrativa sombria permeada por obsessões monomaniacas, insanidade, crueldade com animais, sepulturas violadas e fantasmas vingativos. (HELOISA, 2020, p. 7-9).

Essas obsessões levantam debates pertinentes aos dias atuais. Desta forma, as inquietações provocadas pelas leituras e análises efusivas do romance britânico e das teorias de Girard, suscitam interpretações diversas, confirmando aquilo que propõe Girard (1990), que mergulhada em conflitos, a raça humana - por seus próprios desejos - passa a gerar rivalidades e violências que precisam ser contidas para que se mantenha a ordem.

Estruturalmente dividido em trinta e quatro capítulos, *O Morro dos Ventos Uivantes*, segundo Wasowski (2001), chama atenção da crítica não só pelos desdobramentos da trama, mas pela maneira como a narrativa é organizada, pela técnica ou reinvenção dela utilizada. De acordo com Teodorescu (2007), Brontë, influenciada pelas boas vivências nas pequenas cidades inglesas, optou, provavelmente, por privilegiar esse cenário, diferentemente de boa parte da ficção do período, que destaca a industrialização e a vida nos grandes eixos. Scoz (2018) ao escrever sua crítica sobre o romance, salienta que *O Morro dos Ventos Uivantes* surge como importante amostra desse período em que a História não contemplava questões do dia a dia e da cultura, tornando-se assim valioso subsídio para pesquisas historiográficas.

1.1 O olhar girardiano

Empenhamo-nos aqui em apresentar reflexões que dão conta dos processos da teoria mimética que movem a violência no romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, especialmente aqueles voltados para o protagonista Heathcliff e, conseqüentemente, outros que venham o cercar. Geralmente, quando pensamos no termo mimese e nos seus usos, o sentido mais comum está relacionado, no sentido aristotélico, a um ato de imitar e de manifestar a criação da realidade na obra literária. Segundo Girard (1990, p.7) o mimetismo governa os homens e desencadeia conflitos e rivalidades que se caracterizam em atos de violência que, por sua vez, produzem nesses indivíduos a necessidade do sacrifício de vítimas expiatórias. Desse modo, é possível conjecturar que a mimese se faz ao longo da história e está presente onde há seres humanos que se relacionem e dividam os mesmos espaços.

Acrescentamos que o tema da mimese possui em Girard uma perspectiva diferente dos clássicos:

Nossos desejos não são inatos ou autônomos, mas copiados dos outros. Se desejo um objeto em particular, não o cobiço por aquilo que ele é, e sim porque imito o desejo de alguém que optei por tomar como modelo. Essa pessoa – seja ela real ou imaginária, lendária ou histórica – se converte em mediador de meu desejo, e então me envolvo numa relação essencialmente triangular. (GIRARD. 2014, p. 25-26)

A partir de tal premissa, o filósofo francês rompe com as concepções mais tradicionais que estudam o comportamento entre as sociedades. Para além dessa compreensão, Girard (1990, p. 8) traz uma abordagem diferente, na qual o desejo no homem é mimético e que precisa experimentar a ameaça de um outro e não deve ser observado como um modelo de identificação e sim do próprio desejo.

Sendo assim, os indivíduos se envolvem em um triângulo de relações de desejos e não podem ser considerados autônomos ou alheios a essas relações. Não existe, portanto, o desejo por mera identificação enquanto algo imóvel e centralizado, mas sim relações de imitar um terceiro ao desejar o que ele deseja.

Girard não situa o desejo na independência humana, mas em algo que coloca o indivíduo na posição de estar sempre aberto a influências exteriores não só no seu comportamento, mas sobretudo nas suas vontades, já que o ser humano não deseja nada mais do que aquilo que os outros lhe mostram como digno de ser desejado.

O desejo mimético está presente no cotidiano dos sujeitos, no cerne de suas

relações e que se concentra nesses, através da decisão por imitar conscientemente. Deste modo, através da compreensão de Girard, é possível concordar que, dois sujeitos somente passam a desejar-se através da mediação de um modelo. São essas relações, portanto, sempre triangulares: um sujeito deseja um objeto não por sua vontade própria, mas porque uma terceira pessoa, o mediador, desperta essa vontade por disputar o objeto. A mimese de Girard é um desejo pelo desejo.

Cabe ainda falar sobre os tipos de mediação, a interna e a externa, ainda que nosso trabalho tenha um foco maior na primeira. Entende-se por mediação externa aquela em que, no triângulo, a distância entre desejador e mediador seja tão grande em questões espaciais e temporais que não há conflito físico, sendo esta uma relação de idolatria. A violência nesses casos é apenas mental, normalmente de parte do desejador que faz de tudo para se converter no seu modelo. Em *Mentira Romântica, Verdade Romanesca* (2009), Girard exemplifica este tipo de mediação em *Dom Quixote*, que deseja os ideais da cavalaria mediado por um há muito morto Amadis.

A mediação interna, contudo, é aquela que nos interessa e que propõe uma distância pequena entre desejador e mediador, de forma que eles habitem o mesmo espaço-tempo, de maneira a ser inevitável um conflito pelo objeto (muitas vezes físico) entre ambos, levando inevitavelmente a eliminação de uma das partes.

Feitas essas considerações, pensaremos agora a segunda parte da teoria girardiana que nos interessa, o mecanismo do bode expiatório. Tentaremos contextualizar com passagens do romance de Emily Brontë, sem adiantar, obviamente, partes importantes de nossa análise.

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, a família Earnshaw tenta se manter hierarquicamente posicionada acima dos seus criados e bem vista perante a ordem social a que pertencem, mas a partir da chegada de Heathcliff, o desenvolvimento da história dos Earnshaws se encaminhará ao horror. Ao descrever, Marcia Heloisa (2020, p.10-11) pontua que Heathcliff é um agente do caos, “meio lobisomem, meio vampiro e meio zumbi [...], é apenas um “it”, um bicho, uma criatura excluída de tudo que a sociedade vitoriana entendia e aceitava como civilizado e racional”. A partir de Heathcliff, os efeitos destrutivos da imitação desencadearão influências desastrosas numa rotatória infinda de competição e violência no romance de Emily Brontë.

Desta forma, sabendo que a imitação dos semelhantes serve de alicerce inevitável à rivalidade, e que essa rivalidade sequencialmente gera o conflito, logo, aquela sociedade em *O Morro dos Ventos Uivantes* estará fadada à extinção, a não ser que

se findem os conflitos, o que, por sua vez, acontecerá com o sacrifício daquele com o qual o objeto do desejo está sendo duelado. Sob essas condições, tanto a sobrevivência humana quanto a gênese e o desenvolvimento da cultura entre as instituições sociais em *O Morro dos Ventos Uivantes* necessitarão encontrar uma válvula de escape a este sério problema sobre o qual Girard se debruçou: o potencial destrutivo do desejo mimético.

Girard apresenta duas características a respeito da natureza dessa violência geradora de conflito. A primeira é que, uma vez estimulada pelo desejo, a violência dificilmente será eliminada. Num segundo momento, Girard assinala que, se essa violência não é saciada, haverá conseqüentemente uma necessidade para encontrar uma vítima substitutiva. Golsan ao relatar suas impressões sobre a válvula de escape aos impulsos violentos converge:

Por mais que as represálias contra as vítimas inocentes sejam, elas também assinalam uma saída para o dilema criado pela violência humana. Se uma vítima ou um grupo de vítimas substitutas pode se tornar o foco de todas as hostilidades do grupo mais amplo, essa vítima ou esse grupo de vítimas desviará ou canalizará as dissensões internas para fora do grupo. Tendo isso ocorrido, a harmonia social se reestabelece e o desenvolvimento da cultura se torna possível. (GOLSAN, 2014, p. 61)

Assim, a teoria girardiana pontua que essa crise geradora de conflitos internos é intitulada de “crise sacrificial”, uma vez que se faz necessário, para a manutenção da cultura e ordem social, a violência contra um “bode expiatório”.

Por tudo isso, ocorre entre as famílias Earnshaw e Linton uma série de impulsos violentos por meio do desejo que abraça intrinsecamente essa ideia da necessidade constante em sacrificar um bode expiatório; e isso em concomitância ao notório colapso da hierarquia social e as sucessivas perdas de diferenciações quaisquer no seio dessas famílias em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Ao longo dos tempos, essa questão foi percebida de diferentes formas, ganhando diversos significados e compreensões. A violência também nem sempre foi percebida como um resultado do desejo mimético involuntário, mas algo a ser contido, excluído ou exterminado por meio do sacrifício humano. Girard lembra o impulso violento suscitado entre os irmãos Caim e Abel, que culminou exatamente no assassinato de uma vítima humana.

Nos estudos propostos por Girard, é notório o reforço do fato de que a violência é um fruto gerado pela rivalidade anteriormente suscitada e que esta fora também originada pelo desejo mimético. Portanto, chegamos ao ponto de entendimento onde

essa cadeia gerada pelo desejo de imitação do outro, tornará esta ou aquela atmosfera um verdadeiro caos. E é exatamente no ápice do caos que uma solução se faz necessária.

Dentre os muitos processos da teoria mimética que podem mover a violência, Girard discorre ainda sobre a pluralidade de grupos expiatórios, ou seja, em uma sociedade, marginalizados e proeminentes, igualmente podem ser transformados em bodes expiatórios comuns enquanto válvula de escape para hostilidades e humilhações diversas; sendo este – o bode expiatório – a figura que irá desempenhar o papel de vítima substituta. Desta forma, podemos inferir que entender o processo mimético como desencadeador de rivalidades e dos atos de violências é um processo fundamental para a compreensão do mecanismo do bode expiatório e seus efeitos:

Ao imitarem uns aos outros, os membros da comunidade copiam a violência alheia e tomam como objeto de sua violência o foco para o qual as hostilidades do modelo se dirigem. Ao início desse processo segue-se uma reação em cadeia; logo, todos os membros da comunidade estarão se valendo de uma mesma válvula de escape para suas energias hostis – o bode expiatório. (GOLSAN, 2014. p.66)

Girard reclama que a violência desencadeadora de sacrifícios tem sido, ao longo dos séculos, um fator essencial à manutenção da ordem cultural. Para tanto, faz-se necessário atribuir ao bode expiatório crimes pelos quais mantenham esses mediadores distantes, tornando-os, portanto, vítimas dignas das acusações mais hostis possíveis, pois, assim, a importância do indivíduo é reduzida em favor da grandeza do coletivo.

Corroborando este momento dentro dos processos que dizem respeito ao mecanismo do bode expiatório, Girard deflagará uma nova característica da necessidade de transformar o bode expiatório em um único autor possível de crimes tais, que um cidadão comum jamais teria a capacidade de os cometer. Girard nos lembra que as características físicas de alguns grupos minoritários foram determinantes para que a sociedade alemã polarizasse todas as suas hostilidades macabras sobre os judeus, por exemplo.

Assim, características que representaram profundas divergências religiosas, étnicas e raciais, foram determinantes para colocar essas minorias numa posição distante, de forma a justificar as diferenças e assim, descaracterizar a rivalidade entre os mediadores, fator este suficiente para que se justifique a violência sacrificial de

mediadores que não danificam a ordem hierárquica e, portanto, social.

Cabe aqui adiantar que Heathcliff é não branco, o que será novamente mencionado em nossa análise. No entanto, trazemos o assunto à baila para falarmos sobre o conceito de marca vitimária, que é aquilo que tem o incorporado ao meio social de diferente, que faça possível apontá-lo como vítima preferencial. Girard (1990) menciona que Édipo era estrangeiro e manco o que faria dele a vítima sacrificial perfeita. Ainda que não tenha marcas físicas que o diferenciem dos outros, Heathcliff tem marcas étnicas que o fará sempre ser um *outsider*.

Podemos assim ter encontrado uma teoria que interprete o caos que ao longo dos tempos rodeia e marca a existência humana. Ela pode estar no que Girard vai definir pela capacidade que a violência tem em encontrar objetos alternativos para que se cumpra a vingança humana. “A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa” (GIRARD, 1990. p.13). Para Girard este é um processo factual, uma vez que é típico do comportamento humano e que os “freios instintivos” diferenciam a raça humana dos irracionais. Para tanto, o romance de Brontë caracteriza aquela sociedade como “animalesca”, mas apesar de se assemelharem a animais, os “humanos” em *O Morro dos Ventos Uivantes* acessam a morte para justificar as consequências de seus atos conflituosos e sacrificiais, nos levando a presenciar os efeitos destrutivos da imitação.

É pertinente, portanto, a reflexão de que sendo o desejo triangular mimético pensado como uma relação de escolhas não autônomas e que consegue se disseminar em diversas direções nos processos que movem a violência, logo, o mecanismo do bode expiatório em Girard pode apontar para os atos de violências enquanto processos mantenedores e necessários para que não aconteça o aniquilamento da comunidade, uma vez que, para o pensador francês, a violência na história humana é algo fundacional e todas as investidas sacrificiais para aniquilá-la foram insuficientes, tornando-a, momentaneamente, saciada, ludibriada e adormecida. Mas isso, até que ela torne, provocada por conflitos que reclama a esta, a necessidade de um bode expiatório que seja sacrificado em favor do que Girard (1990, p. 89) intitula por “mecanismo autorregulador”, tão importante enquanto processo de intervenção para que se evite com que tudo seja consumado.

CAPÍTULO II

QUEM ALIMENTA UM BICHO ACABA SENDO DEVORADO POR ELE

O Morro dos Ventos Uivantes, tal qual a mais fina das iguarias em restaurantes luxuosos, é um prato cheio, disponibilizado num cardápio do Restaurante Mundo Literário, onde aqueles dispostos a pagar o preço podem degustar as fartas delícias incontestes de sabores intrínsecos daquilo que a teoria de René Girard apresentará aos chefes das cozinhas literárias como: a “verdade romanesca”, opondo-se a ideia de pensar a centralidade na relação desejador-objeto. Assim, Girard, ao revelar ao mundo a mediação, que torna o desejo uma relação triangular, contrariando o saber contemporâneo a si, que para Girard é a “mentira romântica”:

Portanto, mentira romântica e verdade romanesca designam formas diametralmente opostas de lidar com a natureza mimética do desejo: enquanto aquela oculta o mimetismo mediante a supressão do mediador, esta reflete sobre o desejo mimético através do protagonismo concedido ao mediador ou às consequências da mediação. (GIRARD, 2009. p.18)

Uma vez apresentada, essa mediação, na prática, desencadeará resultados destrutivos, visto que os homens desejam aquilo que o mediador deseja. A partir de então, o desejante passa a agregar tanto aspectos positivos quanto negativos de seu modelo e, nesta perspectiva, considerando o lado ruim da coisa, o conflito acena ao sujeito, no horizonte ou no vértice do que o filósofo francês vai chamar de “desejo triangular”, causando uma rivalidade entre o sujeito e seu modelo quando o primeiro, ao imitar o segundo, passará automaticamente a desejar também o objeto do desejo de seu modelo.

Desse modo, sobre as relações de violência entre as personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes*, podemos dizer que são pautadas pelo desejo triangulado apresentado por Girard, considerando especificamente a distância entre as partes ocupantes dos espaços do triângulo que sempre apresentará a sequência: “sujeito ou desejador”, “modelo ou mediador” e “objeto”.

Ao descrever o seu personagem mais monstruoso, Emily Brontë toma emprestada a personagem e narradora Nelly Dean para constatar o quão demoníaco é dividir o mesmo espaço que Heathcliff. Segundo Nelly: “ele parecia ignorar a minha

presença, mas abriu um sorriso. Preferia vê-lo rosnando do que sorrindo daquele jeito” (BRONTË, 2020, p. 358). Este é o personagem no romance que contaminará, por meio da mimese consciente ou inconsciente, a todos os demais. Um sujeito cujo sorriso faz com que os que estão a sua volta prefiram dele um rosnado animalesco. A conduta maligna de Heathcliff deve ser correlacionada à questão da proximidade que é definida e exigida pela mediação interna, no que diz respeito à origem e à manutenção das rivalidades segundo Girard.

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, Heathcliff está sempre próximo aos seus modelos no “mecanismo triangular” girardiano. Sabendo disso, podemos ainda ligar as informações anteriormente citadas às consequências decorrentes do desejo mimético na obra aqui percorrida e, esta, nos remete a relações que se dão em cenários de rivalidade (especialmente com Hindley Earnshaw e Edgar Linton) que reproduzem constantes atos de violências em um espaço geográfico de proximidade umas com as outras que em muito contribui para o cenário anteriormente citado.

Aprendemos com Girard que, quanto mais próximos estiver o sujeito do seu modelo, maior será a probabilidade das crises miméticas e, para termos noção dessa questão espacial, Nelly Dean nos proporciona uma ideia da dimensão da distância onde as narrativas acontecem ao dizer que: “os rochedos de Penistone Crag ficam mais ou menos a uns três quilômetros depois da residência do sr. Heathcliff e a quase sete da Granja”. (BRONTË, 2020, p. 224). Complementando a questão da distância, Wuthering Heights e Thrushcross Grange estão a quatro quilômetros uma da outra. A proximidade do triângulo e a proximidade das propriedades estão em coincidência.

Então, Heathcliff, de acordo com mediação interna, por sua proximidade, é o fio condutor das rivalidades que envolverão as personagens em violência, assim, como no relato bíblico: “[...] da mesma forma como o pecado ingressou no mundo por meio de um homem, e pelo pecado a morte, e assim também a morte foi legada a todos os seres humanos, porquanto todos pecaram” (Romanos, 5:12). É por causa de Heathcliff – ao escancarar a crueldade e as perversidades dos Earnshaw e dos Linton, disfarçadas de bons modos e moral vitoriana - que aquele ambiente outrora doméstico e cheio de vida é inundado por insanidade e crueldades tais, que boa parte dos membros da comunidade local são engolidos por um ciclo vicioso de rivalidades miméticas; Assim, em Heathcliff, que é considerado por alguns críticos como “a personificação do mal, a criança perversa responsável pela corrupção da casa e seus

moradores” (BRONTË, 2020, p. 12), o primeiro escândalo¹ acontece e este gera outros, e o resultado são crises miméticas que não param de se espalhar e se agravar. Sabendo de que toda crise possui uma gênese, refletiremos sobre as relações entre as personagens presentes no cenário em que orgulho, inveja, ciúme e altivez desencadearão o nosso primeiro modelo de mecanismo mimético a saber:

[...] A sra. Earnshaw estava prestes a escorraçá-lo porta afora: possessa, perguntou ao marido como tivera coragem de levar um fedelho cigano para dentro de casa, quando já tinham seus próprios filhos para alimentar e cuidar [...] a srta. Cathy, ao saber que o patrão havia perdido seu chicote no transporte do desconhecido, tratou de fazer caretas e cuspir no molecote, comportamento que lhe rendeu uma boa bofetada do pai, para aprender a ter mais educação [...] o patrão logo tratou de apurar como o menino tinha ido parar em sua porta, e fui obrigada a confessar minha culpa. Por minha covardia e desumanidade, fui expulsa da casa [...], mas Hindley o detestava. Para ser sincera, eu também, e implicávamos com ele o tempo todo, de maneira desavergonhada. Eu não tinha senso o bastante para reconhecer minha injustiça, e a patroa, por sua vez, jamais o defendia quando via que ele era maltratado (BRONTË, 2020, p. 57-58).

O trecho acima revela as primeiras relações entre as personagens no romance, expondo violência. Heathcliff é apresentado à família Earnshaw em *Wuthering Heights* e, além de ser humilhado, tem a sua frente todos os objetos – físicos e metafísicos – que passará a desejar e, para obtê-los, tenderá a imitar os modelos que os detém. Os movimentos que se seguem nos revelam um lar cujos modelos miméticos – do patriarca à governanta – possuem como principais características copiáveis, o mimo, a irritação, a humilhação e a arte de subornar. Apresentado a um verdadeiro caldeirão mimético, o pequeno Heathcliff, envergonhado na presença e, por todos, está faminto e exausto. O problema é que a fome literal, que é somente saciada por alimentos, passará a ser uma fome genitora da primeira ação mimética por parte daquele que absorverá de todos as características necessárias para motivar a primeira crise mimética para alimentar a sua necessidade.

Essa primeira experiência relacional, certamente, fará com que deseje imitar seus modelos, não só para ter fisicamente o que eles têm, mas para ocupar os seus lugares. Em seguida a sua inserção na nova família, o garoto parecido com um cigano faz a sua primeira imitação com maestria ao copiar os trejeitos que a princípio presenciara, passando a negociar em favor de conquistar o seu objeto desejado e ocupar a condição de favorito entre os filhos do Sr. Earnshaw, conforme descrito pela

¹ É o obstáculo contraditório de inexorável rivalidade originada pelo comportamento dos rivais miméticos. (Cf. GIRARD, 2011)

governanta Nelly:

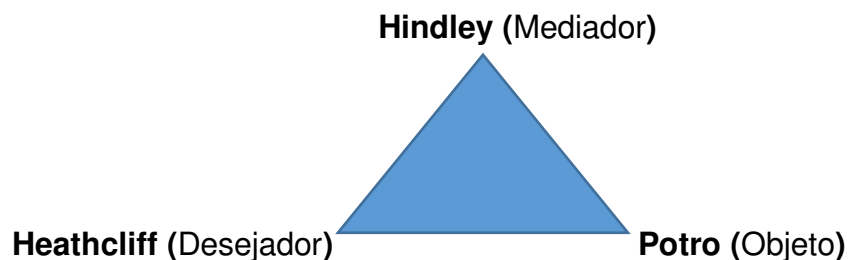
Lembro-me de que o patrão certa vez comprou dois potros na feirinha da paróquia e deu um para cada menino. Heathcliff quis o mais bonito, mas o animal logo depois ficou manco. Quando descobriu, disse a Hindley: “Você tem que trocar de cavalo comigo, não gosto do meu. Se não trocar, vou contar para seu pai que me deu três surras esta semana e vou mostrar meu braço, disse a Hindley”. (BRONTË, 2020, p. 59).

Heathcliff não quer um potro, ele já o tem; na verdade, Heathcliff cobiça o potro do seu mediador. É a posse de Hindley que ele quer e, para tal, age de acordo com o percebido por Girard quando argumenta que “não é apenas o desejo que pegamos emprestado daqueles que tomamos como modelos, mas inúmeros comportamentos, atitudes, saberes, preconceitos, preferências etc.,” (GIRARD, 2012, p. 36-37).

O conflito é inevitável, pois ao desejar o mesmo potro de Hindley, a rivalidade somente tenderá a crescer e, pouco a pouco, conforme o professor João Cezar de Castro Rocha, “substituirá o caráter “neutro” atribuído à imitação” (ROCHA, 2009, p. 10).

Assim, o desejo não é espontâneo, ou seja, não parte ou sequer pertence a Heathcliff, até porque Heathcliff, como já mencionado, possui o seu potro. Desta forma, “eis o pecado original do mimetismo: como aprendo a comportar-me a partir da reprodução de comportamentos já existentes sou levado, consciente ou inconscientemente, a adotar modelos e a segui-los” (ROCHA, 2009, p. 18).

Portanto, pela ótica da teoria mimética, o desejo de Heathcliff é determinado menos por ele próprio e mais pela rede de mediação tramada, na qual ele está envolto e que não é direta, pois Heathcliff não tem acesso imediato ao potro de Hindley, tendo que não somente imitar o seu modelo, mas a rivalizar com ele pelo objeto que ambos doravante passarão a disputar. Nessa circunstância, a proximidade espacial entre sujeito e modelo e, conforme Rocha (2009, p. 20), “o desejo mimético se converte rapidamente em rivalidade e essa pode originar disputas irreconciliáveis”. Este exemplo em análise pode ser representado da seguinte forma:



(Figura 1: desejo triangulado envolvendo Heathcliff e Hindley. Elaboração própria.)

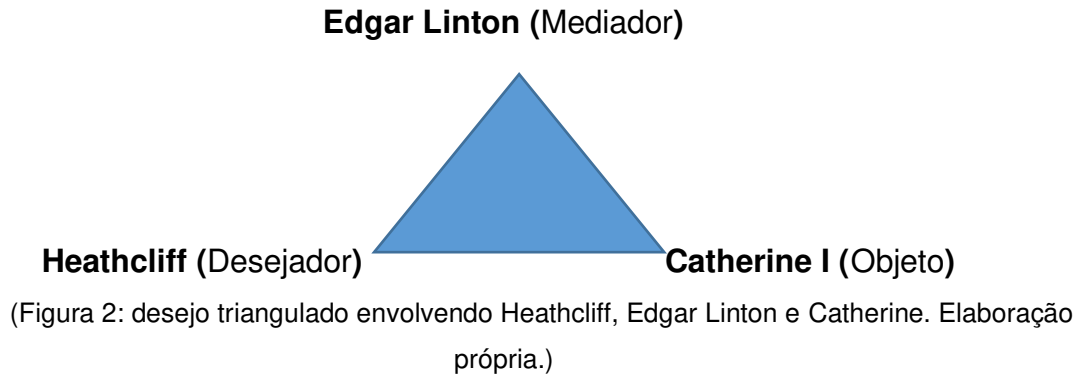
Contudo, o sistema mimético é complexo, pois a contenção da rivalidade e da violência nem sempre é possível.

Este é o caso nessa relação primária, pois conforme a sequência da narrativa, a rivalidade se intensificará em crises ainda mais violentas, onde a palavra que qualifica o espaço permanente é o triângulo, que posicionará os objetos em constantes mutações espaciais nos seus vértices:

Sirvo tanto para me casar com Edgar Linton quanto sirvo para o céu, e se o desalmado do meu irmão não tivesse arruinado Heathcliff, eu nunca teria sequer cogitado uma coisa dessas. Seria degradante, para mim, casar com Heathcliff agora, por isso ele jamais saberá como eu o amo. (BRONTË, 2020, p. 103).

Segundo Catherine Earnshaw (doravante Catherine I), Heathcliff é alguém arruinado por seu irmão Hindley Earnshaw, o que confirma que “a imitação representa um ganho palpável [...] ao imitá-lo, amplio meu repertório social” (ROCHA, 2009, p. 19). Constatamos uma vez mais os efeitos destrutivos da violência entre as personagens no romance de Brontë, sendo que, como resultado dessa relação aqui em destaque, percebemos o mecanismo mimético em ação, ou seja, ao imitar, adquirei as características de quem imito e, passando a desejar os objetos de quem imito passo a rivalizar com o meu próprio modelo.

Hindley além de orgulhoso é um sujeito cobiçador, e esta última, é a principal característica que Heathcliff absorve do seu modelo, pois sabe que para ocupar o lugar de Hindley terá que adquirir o status social do mesmo. A citação anteriormente analisada para comprovar os efeitos destrutivos da rivalidade mimética, também nos proporciona a rotatividade dos objetos nos vértices triangular, além do caráter contagioso da violência, quando não contida. Assim, Heathcliff continua presente enquanto sujeito desejante, saindo Hindley e o potro, encaixa-se em seus respectivos lugares Edgar Linton e Catherine I:



Como podemos perceber no esquema triangular acima, o modelo anteriormente imitado por Heathcliff continuará intelectual, social e financeiramente superior em relação a ele, que continua intacto em sua posição na estrutura. Heathcliff toma conhecimento das condições que deveria possuir para ter em mãos o seu objeto desejado: a jovem Catherine I, que sem perceber a presença de Heathcliff no recinto, confessa o verdadeiro motivo da escolha em casar-se com Edgar Linton. E é exatamente neste momento que o desejo de Heathcliff torna-se o de Edgar Linton, e temos aqui mais uma mediação interna, em que a proximidade entre o sujeito e o seu modelo faz-se presente e, assim, uma rivalidade é suscitada.

Então, Heathcliff foge sem ser percebido pelo seu objeto de desejo, em busca de obter, ao imitar, as condições necessárias do seu modelo, no intuito de não apenas obter o status de Edgar Linton, mas, principalmente, de vingar-se das humilhações sofridas única e exclusivamente por ser tratado como inferior em todas as relações primárias que obtivera ao se relacionar com os Earnshaws e com os Lintons. Envolvida pela incerteza das consequências do seu desejo de casar-se com Edgar Linton, Catherine I constituirá um novo desejo triangular ao desejar a aprovação de Nelly Dean. A governanta responde com um questionamento impactante:

Se o correto é casar-se pensando apenas no presente, fez muitíssimo bem. Agora, conte-me por que está tão infeliz. Seu irmão vai ficar satisfeito; creio que os pais do noivo também não vão se opor. A senhorita vai se livrar de um lar caótico e sem conforto para morar em uma mansão suntuosa e respeitável; ademais, ama Edgar, e Edgar a ama. Tudo parece perfeito. Onde está o problema? (BRONTË, 2020, p. 102).

Para responder Nelly, podemos recorrer perfeitamente a teoria mimética de René Girard que, conforme Anspach (2012, p. 31) forma “[...] uma epidemia de duplos” que conseqüentemente promove [...] “a rivalidade que gera a imitação, a imitação gera a rivalidade: essa dupla paradoxal”. Dessa forma, ao imitar-se, a rivalidade entre as

personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes* percebemos a contaminação pela violência em um ciclo vicioso de ações desta tenebrosa história de amor. Logo, o problema está agora no desejo de Catherine I, que ao desejar o status social que casar-se com Edgar Linton lhe proporcionará, acaba despertando em Heathcliff o desejo concomitante de imitar Edgar Linton, seus objetos e, inclusive, tomar o seu lugar no vértice do modelo triangular do desejo pois, agindo assim, passaria a ser desejado por Catherine.

O ciclo contagioso do desejo imitativo é tão violento que, não contido, uma vez possuindo a atenção de Catherine, Heathcliff muda o foco do seu desejo, passando a substituir paralelamente, os personagens no romance em relação às suas posições no vértice do triângulo, a depender do modelo atual que precisará imitar e, imitando, terá a posse não somente de seus objetos, bem como deles próprios. E isso acontece ao imitar Hindley, Edgar e Isabela Linton e Catherine I, não apenas conquistando os seus objetos no romance, mas tomando o lugar de cada um em relação às suas respectivas posições, já que, ao final, Heathcliff, outrora órfão e sem posses é Earnshaw e também Linton por aquilo que absorve de seus rivais.

Na segunda parte do romance, Heathcliff, não satisfeito em provocar sofrimento a Edgar Linton, mantendo o sobrinho deste e seu filho do protagonista, Linton Heathcliff, em suas posses, a então besta da charneca tranquiliza Nelly Dean assegurando-a que o menino seria bem cuidado. Sabemos, contudo, que isso só se deu para que os objetivos de vingança fossem cumpridos:

Serei muito gentil com ele, não se preocupe”, garantiu o homem, rindo. “Mas espero que ninguém mais o seja: sou ciumento e pretendo monopolizar sua afeição. Pra dar início às gentilezas, Joseph, traga o desjejum do menino. [...] Sabe, Nell”, prosseguiu ele, depois que os dois saíram da sala, “meu filho é o futuro dono da propriedade do seu patrão, e não deixarei que morra até ter certeza de que sou seu sucessor”. Além do mais, é meu, e quero gozar o triunfo de ver meu descendente dono de tudo que hoje lhes pertence, ver meu filho contratar os filhos deles para trabalhar em suas antigas terras. É só por esse motivo que farei um esforço para suportar o fedelho (BRONTË, 1847, *Wuthering Heights*, p. 239)

Assim, a Heathcliff não bastava apenas imitar os seus modelos, mas possuir tudo e todos o quanto os pertenciam e que representasse algum valor, tomando para si *Wuthering Heights* e *Thrushcross Grange* e tudo que essas propriedades continham, vingando-se de forma cada vez mais violenta um a um.

Contudo, aprendemos com Girard que tanto a rivalidade mimética quanto os escândalos, visam a secretar as toxinas mais nocivas inerentes a natureza humana, sobretudo para aqueles que se deixam fascinar pelo poder dos desejos de rivalidade.

Dessa forma, constatamos que as relações entre as personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes*, modalizando ao extremo as adjetivações, parecem ser universos cujos ambientes estão repletos de intensidade, perturbação, magia, imprevisibilidade, estranheza, mutabilidade, animalidade, ocultismo, dentre outros. Essas relações se dão em ambientes distantes de cenários que denotam uma história de amor; é uma aventura de horrores, que no romance acontecem em espaços geográficos de proximidade tal, que todos os atos violentos são gerados pelo orgulho e a inveja. É esse orgulho que, manifestado em Catherine I, escolhendo Linton e não Heathcliff, a leva a desejar a aparência em detrimento da essência. Já a inveja, é a ferramenta poderosamente destrutiva que estimula Heathcliff em seus processos de vingança.

Heathcliff imita não somente para possuir, mas para ser igual aos seus modelos, ou seja, ele não se contenta em apenas disputar, em rivalizar os objetos desejados, ele quer e toma o lugar daqueles que possuem as coisas. Um forte exemplo desse *modus operandi* que lhe é peculiar a seguir analisaremos:

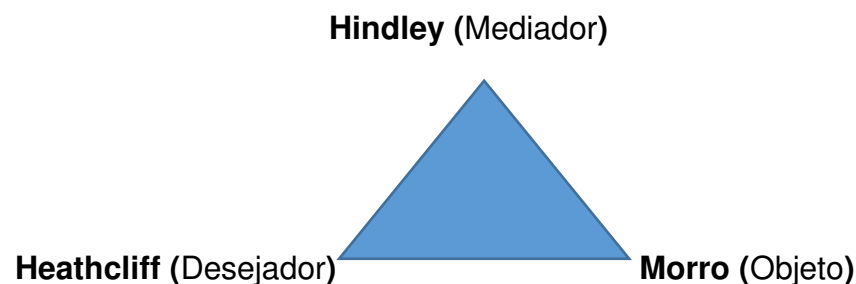
[...]Se ao menos Deus me desse força para estrangulá-lo em meu último suspiro, eu iria para o inferno de bom grado, gemeu Hindley, impaciente, esforçando-se para se levantar e tornando a cair sentado, convencido de que não tinha condições de lutar. [...] Hindley, na aparência o mais forte, infelizmente mostrara-se o mais fraco. Quando o seu navio afundou, abandonou o posto de capitão e seus tripulantes e, em vez de tentar salvar a maldada embarcação, mergulhou com ela na confusão e no caos. [...] Morreu como viveu: bêbado como um lorde. (BRONTË, 2020, p. 213;216)

As relações de violência entre os personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes* são explicáveis pelo mecanismo triangular do desejo que, a cada avanço em na leitura, as rivalidades vão, uma a uma, apresentando os resultados do processo mimético gerador da violência.

Heathcliff ocupara o lugar Hindley ao conquistar as suas posses e este é a vítima da vez, alguém que, conforme citado anteriormente, não tem forças, perdeu as vantagens da cognição e orgulho sendo, enfim, alguém por quem Heathcliff não encontra mais motivos para imitar. A este respeito Girard (2012, p. 37) afirma: “o desejo mimético nos faz escapar da animalidade. Ele é responsável pelo melhor e o

pior em nós, tanto por aquilo que nos coloca abaixo do animal quanto por aquilo que nos eleva acima dele.” É isso mesmo, Heathcliff está agora posicionado acima do seu antigo modelo que, arruinado, perde o seu valor mimético.

Dito isto, percebesse-se que paulatinamente os modelos que atijam os desejos em Heathcliff um a um vão morrendo. Sem a contenção da violência, o ambiente social entre o Morro e a Granja vai se desfalecendo e, apenas não some, porque Heathcliff, como veremos no próximo capítulo, torna-se a vítima expiatória coletiva.



(Figura 3: desejo triangulado envolvendo Heathcliff, Hindley e a propriedade do Morro.

Elaboração própria.)

Hindley morre vítima do seu próprio eu, espelhado em Heathcliff. No modelo triangular em que a propriedade do Morro é o objeto duelado entre Heathcliff e Hindley, o primeiro não apenas conquista o objeto como ocupa o espaço do segundo. Mas a narrativa ainda nos revelará que não é apenas Hindley que morre, mas Catherine I também e, doravante, seus descendentes estarão curvados sob as ordens de Heathcliff que, ao ver os seus modelos dissipados, é despertado uma vez mais a mudar o foco do seu desejo para Thrushcross Grange:

O homem é a criatura que perdeu parte de seu instinto animal para ter acesso ao que chamamos de desejo. Uma vez que suas necessidades naturais tenham sido satisfeitas, os homens desejam intensamente, mas não sabem exatamente o quê, pois nenhum instinto os guia. Eles não possuem desejo próprio. O próprio do desejo é não ser próprio. Para desejar verdadeiramente, temos de recorrer aos homens que nos rodeiam, temos de tomar emprestados seus desejos. (GIRARD, 2012, p. 36)

A violência não controlada, advinda dos processos do desejo triangular girardiano entre os personagens em *O Morro dos Uivantes* continuará insaciável, já que, capítulo após capítulo, apesar de um modelo morrer, um outro é oferecido em substituição.

Heathcliff ainda é alguém que possui o orgulho próprio intensamente ferido e após imitar, violentar e se vingar de seus modelos, ao ocupar os seus espaços e reter para si suas posses, ele continuará agindo conforme o que de pior os efeitos trágicos do mecanismo mimético podem despertar à natureza humana. Heathcliff é sempre um sujeito que se relaciona com as personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes* em seu auge de assimilação mimética.

A imitação da vez vem por meio da posição triangular do desejo sobre aquela que resta, no espaço geográfico, Thrushcross Grange, capaz de tornar Linton Heathcliff herdeiro e, assim, tornar o novo objeto do desejo de Heathcliff acessível. Para tal, é preciso que o filho do protagonista se case com a Srta. Catherine (Catherine II doravante), filha de Catherine I e Edgar Linton.

Desta forma, um novo desejo mimético é despertado em Heathcliff que, já possuindo Wuthering Heights, vê na união entre Catherine II e o seu filho o meio possível de não apenas conquistar Thrushcross Grange, mas aniquilar mais um de seus modelos: Edgar Linton, como se não bastasse, a jovem Catherine II deixa escapar uma informação preciosa que acirra ainda mais o desejo de Heathcliff, que encarcera a filha de Edgar Linton em mais um ato de violência:

Srta. Linton, muito me agrada saber que sua permanência vai causar sofrimento ao seu pai. Não vou nem conseguir dormir de tanta alegria. Dizer-me que ele vai sofrer foi o argumento mais eficaz que poderia usar para me obrigar a mantê-la sob meu teto pelas próximas vinte e quatro horas. (BRONTË, 2020, p. 304)

Neste momento da narrativa Heathcliff também tinha conhecimento do estado de saúde que vivera Edgar Linton como também sabia da fragilidade da saúde do jovem Linton. Portanto, precisaria apressar a morte do seu rival, assim como o casamento há tempo entre Catherine II e o primo. Como veremos, o plano de Heathcliff estava arquitetado, a esse respeito: “porque aquele camarada ali parece determinado a atrapalhar meus planos, e o ideal seria que o tio não se demorasse tanto e morresse antes dele!” (BRONTË, 2020, p. 298).

Logo, saber que a ausência da filha causaria ainda mais sofrimento ao seu rival foi como um golpe de misericórdia. Deste duelo, Heathcliff mais uma vez se consagra vencedor, não só em consumir o casamento que lhe garantiria a herança, bem como em ocupar o espaço do modelo com quem rivalizou. Além disso, a garota tornaria Heathcliff o herdeiro de Thrushcross Grange.

Afetado por um resfriado e pelo sofrimento que a ausência da filha lhe causara, Edgar Linton morre em sua fragilidade. Heathcliff, por sua vez, tem mais um modelo aniquilado e, tendo até então sido obrigado a suportar a conviver com o próprio filho exclusivamente para tomar posse de mais um objeto desejado, agora o enxerga como um objeto sem valor. Quando sob ameaça real de morte, Catherine II implora a Zillah, governanta de Wuthering Heights, que avise ao Sr. Heathcliff sobre a morte do filho. Contemplemos a seguinte cena que mais uma vez revela o caráter violento do mecanismo triangular, ou seja, uma vez conquistado, o objeto outrora do desejo perde o seu valor:

[...] perguntou, toda trêmula, se podiam chamar o doutor, pois o primo estava muito doente. [...] 'Estamos cansados de saber disso', respondeu Heathcliff, 'mas a vida dele não vale nada e não pretendo gastar um centavo que seja com um inútil como ele'. (BRONTË, 2020, p. 320-321)

Neste momento o auge da violência nas relações entre as personagens em *O Morro dos Ventos Uivantes* é atingido. A narrativa, conforme discorreremos no capítulo a seguir, encontrará um mecanismo que permitirá o controle da violência. Após a consumação de diversas vítimas expiatórias inábeis à contenção da violência mimética, um bode expiatório se emergirá e, de acordo com Girard (2009, p. 21), “a violência indiscriminada, de todos contra todos, torna-se dirigida contra um único membro do grupo”. Avancemos!

CAPÍTULO III:

A TRAIÇÃO E VIOLÊNCIA SÃO FACAS DE DOIS GUMES E FEREM MAIS QUEM DÁ O GOLPE DO QUE QUEM É GOLPEADO.

O mecanismo do bode expiatório é uma criação oriunda do que Girard nomeia de mediação interna, em que as consequências dos processos imitativos endógenos sempre resultarão em rivalidade e, por sua vez, em explosões de violência que, em seu auge, necessitam ser contidas. Ao explicar Girard, Pone (2019, p. 99) constata que o bode expiatório girardiano é “o mecanismo que explicaria a existência do comportamento violento como sendo fundacional para as civilizações conforme as conhecemos.”

Estudado por Girard em relatos bíblicos, o bode expiatório é, em seu significado primitivo, uma expressão por meio da qual busca-se explicar os fenômenos vitimários já existentes nas sociedades pré-cristãs, possuindo toda uma engrenagem mecânica pela qual se torna um rito muito antigo. Como discorrido anteriormente, as rivalidades miméticas, quando existentes de maneira próxima sempre resultarão em violências que, se não contidas, acabarão por destruir toda a cultura. Assim sendo, o mecanismo do bode expiatório, pensado enquanto a forma de substituição do culpado, é, ainda hoje, um processo que pode ser compreendido como o meio atenuado pelo qual busca-se transferir a hostilidade em nosso mundo para uma vítima com marcações que a diferencia dos demais.

Como também foi tratado nos capítulos anteriores, a intuição oriunda do desejo mimético é de que nós não desejamos diretamente, ou seja, não há uma relação direta entre o sujeito desejante e o objeto desejado e que, portanto, o ser humano não deseja autonomamente, mas ao imitar o desejo do mediador. O fato que abstraímos a princípio desta dinâmica que hora se pensa, é que essa intuição nos apresenta consequências interessantes, em que, sobre alguma medida, Girard nos leva a inferir que o esforço do seu trabalho concentra-se prioritariamente em esquematizar as intuições derivadas da noção do desejo mimético. É desta forma que Girard passa a contra-argumentar a ideia de que o sujeito está no centro da tomada e da produção do conhecimento humano.

Com esta matriz, Girard pensa o estabelecimento da cultura humana em *A Violência e o Sagrado*, para então explicitar e propor o mover da engrenagem da sua teoria mimética em relação às consequências da violência quando esta se coletiviza. Desta forma, a partir do momento em que aceitamos a intuição de que o desejo humano não é autônomo, mas sim uma lógica de partilha e fundadora das culturas dos homens que passaram a viver em grupos, uma dimensão nova, ou uma nova peça surge na dinâmica que é própria do mecanismo triangular, dando sequência natural às relações miméticas: o efeito desagregador.

Aprende-se espontaneamente com o modelo a desejar aquilo que ele deseja. Neste primeiro momento, o estudo das ações do modelo, a admiração e a mimese, agregam. O problema está num segundo momento que se avizinha, quando sujeito e modelo, ao desejar o mesmo objeto, fazem com que a mimese que outrora agregava, passe a desagregar, ou seja, o desejo comum, de fundante e unificador, passa, pela mediação interna, a ser cada vez mais disruptivo e violento. Assim, a crise mimética se estabelece por meio da disputa que, por sua vez, apresentará o que sempre se manteve oculto: a dimensão desagregadora intrínseca a mimese. Daí em diante, ao invés de apenas imitar o seu modelo com vistas ao objeto, o sujeito deixará de somente desejar o objeto do outro, para querer ser o que lhe serve por modelo, conforme as palavras de Girard:

[...] Nem sempre o desejo mimético é conflituoso, mas com frequência é, [...] 'O objeto que desejo a exemplo de meu próximo será exatamente aquele que o próximo, por sua vez, desejará conservar, reservar para uso próprio, não permitindo que ninguém o prive dele sem luta. Meu desejo será contrariado, mas em vez de resignar-se e deslocar-se para outro objeto, em 90% das vezes irá emperrar, fortalecer-se, imitando mais do que nunca o desejo de seu modelo. A oposição exaspera o desejo, principalmente quando provém daquele ou daquela que inspira esse desejo. Se de início ela não provém dele, logo irá provir, pois se a imitação do desejo próximo gera a rivalidade, a rivalidade, em contrapartida, gera a imitação.' [...] A imitação é reforçada no interior mesmo da hostilidade, mas os rivais fazem de tudo para esconder do outro e esconder de si próprios a causa desse reforço. A recíproca é verdade. (GIRARD, 2012, p. 29)

É importante lembrar que o reconhecimento da mimese, portanto, da capacidade de reprodução de comportamento do outro, desde sempre foi refletido. E esse fato anteriormente lembrado, já é refletido desde Aristóteles. Temos o cuidado de assim reforçar o que é verdadeiramente único e novo apresentado por Girard em sua teoria triangular: que é quando o sujeito imita o desejo do seu modelo, diz Girard

(2012, p. 29-30), “dou a meu rival a impressão de que ele possui boas razões de desejar o que deseja [...] ‘redobrando a intensidade de seu desejo.’” É neste ponto, que surge outra peça que corrobora a dinâmica do mecanismo mimético: a proibição. Perante o iminente e anteriormente citado, no intuito de manter a paz entre os homens, sendo necessário combater a rivalidade que se exaspera, a proibição é uma tentativa já frustrada em sua gênese, mas que tenta penetrar a engrenagem em pleno movimento, rumo ao ápice da crise mimética: a necessidade de um bode expiatório.

Desta forma, para que possamos identificar as manifestações do mecanismo do bode expiatório como constitutivas da violência em *O Morro dos Ventos Uivantes*, precisamos discorrer sobre a dinâmica do mecanismo mimético, de modo a desaguar na necessária contenção dessa violência outrora originada pelo acirramento da crise e, que, pela exasperação das rivalidades, tentar evitar a necessidade de um sacrifício, sendo que

as rivalidades miméticas podem se tornar tão intensas que os rivais chegam a se injuriar reciprocamente, roubam as posses um do outro, corrompem as respectivas esposas e, finalmente, não recuam nem mesmo diante do assassinato.’ [...] Se deixássemos de desejar os bens do próximo, nunca seríamos culpados nem de assassinato, nem de adultério, nem de roubo, nem de falso testemunho. (GIRARD, 2012, p. 31).

Assim, Girard faz-nos refletir sobre a ineficácia da proibição, uma vez que, à medida que o antagonismo se inflama, cada vez mais a crise mimética em sua avidez, torna os antagonistas semelhantes; o objeto do desejo perde a sua função, de maneira que, ainda conforme Girard (2012, p. 32), “os papéis de modelo, de obstáculo e de imitador tornam-se intercambiáveis no interior da oposição mimética”; assim, “eles se opõem tão mais rápida e implacavelmente, quanto mais sua oposição esmaece as diferenças reais que antes os separavam.” (GIRARD, 2012, p. 33).

Logo, a proibição não serve para a contenção da crise mimética que seguirá o seu curso de exasperação. Baseado neste conceito, que defende o desaparecimento das diferenças ente sujeito e modelo, podemos identificar as manifestações do mecanismo triangular rumo ao conceito do bode expiatório enquanto constitutivas da violência no romance. Percebendo então, em diversos momentos na obra de Brontë, que, ao atingir o auge da crise mimética, os personagens se assemelham de maneira tal, que um torna-se semelhantemente ao outro, como podemos constatar nos exemplos extraídos da obra e que se seguem:

A atmosfera espiritual nefasta sobrepujava e neutralizava por completo os fulgurantes confortos materiais. (BRONTË, 2020, p. 32). [...]

Ela não está acostumada a receber carinho, não é criada como animal de estimação. (BRONTË, 2020, p. 24). [...]

As visitas são tão raras nesta casa que, admito, meus cães e eu não sabemos direito como recebê-las. (BRONTË, 2020, p. 26). [...]

respondeu a afável anfitriã em tom ainda mais mal-humorado que o do próprio Heathcliff. [...] Não era possível que se sentassem à mesa todos os dias tão sorumbáticos, e não podia acreditar que por mais mal-humorados que fossem, aquelas caras fechadas fossem corriqueiras. (BRONTË, 2020, p. 30-31). [...]

Já Hareton é parecidíssimo com a falecida; uma semelhança sempre notável, mas que, naquele exato momento, mostrava-se particularmente impressionante. (BRONTË, 2020, p. 348). [...]

Há cinco minutos, Hareton não parecia um ser humano, e sim uma personificação da minha juventude. [...] (BRONTË, 2020, p. 349;).

As cenas selecionadas mostram, claramente que quando as consequências da crise mimética defendida por Girard atingem o seu ápice, podemos notar que nem mesmo os cômodos e a mobília, outrora “extraordinários”, escapam à intensificação da violência. A este respeito, Marcia Heloisa (2020, p. 14) reflete que “Wuthering Heights, enquanto casa, alternadamente acolhe, rejeita, corrompe, provoca adoecimento, mata e aprisiona seus moradores.” A crise no mecanismo triangular é tão intensa que até mesmo a casa (ambiente) se assemelha aos seus moradores, sobre os quais pode-se perceber as manifestações que caracterizam o arrebatamento mimético. Enfim, a violência é cíclica em *O Morro dos Ventos Uivantes* e, assim, duradoura.

De tão ativas que são, as frequentes ações de violência em *O Morro dos Ventos Uivantes*, fazem com que os seus personagens atraiam do ambiente físico a verossimilhança que, inclusive, contamina de igual forma, a cadela da família, que também é imitada por Heathcliff:

É melhor deixar a cadela em paz”, grunhiu o sr. Heathcliff com violência semelhante à do animal, impedindo demonstrações mais ferozes da cadela com um pontapé. “Ela não está acostumada a receber carinho, não é criada como animal de estimação. (GIRARD, 2012, p. 24)

Assim, subentendemos que não somente a cadela, bem como os demais animais em *Wuthering Heights* são parecidos, portanto, indiferenciados a tal ponto,

destes também, em matilha, escolherem o sr. Lockwood como sua vítima diferenciada e, portanto, o seu bode expiatório, conforme narra Brontë (2020, p. 25): “[...] deixando-me cara a cara com a cadela irascível e mais uma dupla alarmante de cães ovelheiros de pelo desgrenhado, que compartilhavam com ela a guarda ciosa de todos meus movimentos.”

Ou seja, todos se copiam e são igualmente copiados e, a todo instante, uma vítima diferenciada, ou seja, que possua uma marca vitimária, a marca que o diferencie da coletividade acusadora, eleva-se ao posto de bode expiatório. Desta forma, uma vez mais, é possível identificar as manifestações do mecanismo do bode expiatório, pois, as ações animais dos humanos e de todos os contaminados pela crise mimética em *O Morro dos Ventos Uivantes* são claramente explicadas pela mediação interna girardiana que, de tanto que compartilham dos seus convívios, rivalizam a tal ponto que se assemelham cada vez mais, passando a gerar dúvidas como as que Brontë (2020, p. 162) nos revela: “O sr. Heathcliff é um ser humano? Se é, por acaso é louco? E, se não, é um demônio?”

Cada vez mais assemelhando-se ao demônio, com o qual ninguém, em sua consciência gostaria de conviver, Heathcliff torna-se aquele que tem sobre si os atributos negativos e antipáticos que fazem dele a vítima a ser expulsa, tornando-se a figura sacrificial principal em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Todavia, mesmo o protagonista não sendo puramente o modelo expiatório típico girardiano, oriundo do desejo de todos e posto à prova pela ação violenta da coletividade, podemos concluir que ele é uma peça extremamente relevante no processo da sacralização de um modo de vida não mais danoso para o sistema local, já que é ele próprio, por escolha, escapa à condenação de todos para se tornar por escolha própria o sacrificado, ou seja, um devoto, conceito do pensador italiano Giorgio Agamben que aprofundaremos em instantes.

Para dar sequência ao raciocínio, indagamos: como é possível que Heathcliff seja eleito o bode expiatório daquela comunidade em *O Morro dos Ventos Uivantes*, se este aniquila todos aqueles com quem rivaliza? É neste ponto que acreditamos que a sequência do desejo triangulado no romance é momentaneamente interrompida, uma vez que, para que sejam comprovadas as semelhanças do mecanismo mimético girardiano, seria necessário que Heathcliff, para assumir a condição de um bode expiatório puramente girardiano, fosse apresentado enquanto produto oriundo do desejo coletivo sacrificial. No entanto, conforme veremos a seguir, é ele próprio que

opta a se dar um fim. Portanto, Heathcliff, considerando o final do romance de Brontë e, alicerçado unicamente na teoria girardiana, não poderia ser elevado à condição de bode expiatório:

Que lamentável desfecho não acha:”, observou após refletir um pouco sobre a cena que acabara de testemunhar. “Não é uma conclusão absurda para todos os meus aguerridos esforços? Consigo alavancas e enxadas para demolir as duas casas, treino para um trabalho de Hércules e, quanto tudo está pronto, à minha disposição, descubro que perdi a vontade de arruinar seus telhados! Não fui derrotado pelos meus velhos inimigos; agora seria o momento ideal para me vingar em seus descendentes. Não só poderia fazer isso como não há ninguém para me impedir. Mas para quê? Não tenho interesse algum de atacar: me falta vontade de levantar a mão! Parece que me empenhei este tempo todo apenas para, no fim, exhibir este traço de magnanimidade. E está longe de ser esse o caso. A verdade é que perdi a capacidade de apreciar a destruição, estou apático demais para arruiná-los à toa. (GIRARD, 2012, p. 349)

Com base no excerto anterior, é possível criar um diálogo com Giorgio Agamben, que em sua obra *Homo Sacer*, também aponta exemplo de figuras de sacrifício. É pelo diálogo entre a teoria girardiana e o conceito de devoto em Agamben, que acreditamos poder encontrar o desfecho anteriormente exaurido em Girard. Essa parceria comparativa, acreditamos, nos permitirá apontar uma forma de explicitar a elevação de Heathcliff a condição de bode expiatório sem que, para ocupar este posto, o mesmo tenha sido sacrificado pela coletividade.

A junção desses dois conceitos, portanto, é importante para entender a maneira como a violência é parte constitutiva do ambiente social do romance. A partir deste fato, mostraremos como definir o sacrifício mediado pelos conceitos de Girard e Agamben e como este aparece em *O Morro dos Ventos Uivantes*, já que, neste caso, não temos um bode originado do linchamento da multidão.

Lembramos: Heathcliff, no final da narrativa em *O Morro dos Ventos Uivantes* é apenas um sujeito sem modelos e não há mais, quem nele provoque, o desejo por objetos já conquistados. Portanto, não temos a outra parte que deseja eliminar o rival, pois os modelos já se encontram fisicamente eliminados.

Discorreremos, agora sobre o conceito do devoto, já que consideramos esclarecido o fato de que Heathcliff não é um sacrifício “do todos contra um”, mas se torna imagem expiatória por escolher dar fim a si e, conseqüentemente, restaura a paz em Wuthering Heights, por meio de sua devoção sacrificial.

Relembremos aquilo que faz da figura sacrificial o que é:

A partir de uma costura de estereotipações, que são: a) a indiferenciação de toda uma comunidade por uma crise; b) a acusação de um indivíduo ou grupo, por toda população, pelo crime indiferenciador desta comunidade; c) a conformação da diferença da vítima, perante a homogeneidade comunitária, a partir de uma marca 'vitimária'. (PONE, 2019, p. 100).

É impressionante como o resultado de toda essa “costura”, e, portanto, dos diálogos com os outros conceitos, pode se evidenciar em *O Morro dos Ventos Uivantes*, o fato de que, temos em Heathcliff, a escolha fidedigna à “costura” anteriormente reivindicada e tão necessária para dar sentido ao mecanismo girardiano. Tal qual o texto que avante citaremos, que confirma todas as estereotipações que seleciona, segundo apontado por Pone, uma vítima diferenciada, com marcas vitimárias próprias:

[...] Penso que deve aceitá-lo como um presente de Deus, embora seja escuro como se viesse do diabo. Nós nos agrupamos ao redor dele e, espreitando sobre a cabeça da srta. Cathy, pude ver um menino imundo, esfarrapado, com cabelo bem preto.’ [...] a sra. Earnshaw estava prestes a escorraçá-lo porta afora: posses, perguntou ao marido como tivera coragem de levar um fedelho cigano para dentro de casa, quando já tinham seus próprios filhos para alimentar e cuidar. Ela quis saber o que o marido pretendia fazer com aquela criatura.’ [...] A srta. Cathy, ao saber que o patrão havia perdido seu chicote no transporte do desconhecido, tratou de fazer caretas e cuspir no molecote.” (BRONTË, 2020, p. 57)

Assim sendo, é notório que, nas cenas iniciais em que Heathcliff contracenava com a coletividade, é estereotipado e escolhido pelos que lhe cercam para bode expiatório. No entanto, esse mesmo coletivo, sobre o qual compreende-se a existência de todo um mecanismo pelo qual o bode expiatório se torna o que é, somente passa a conseguir se diferenciar daquela comunidade indiferenciada pela ação intensa do mimetismo, ou seja, não consegue enxergar uma hierarquia entre seus membros, nem mais distinguir entre si quaisquer características, pois estão imersos no mecanismo mimético e, à medida em que a imitação se intensifica, tornam-se semelhantes de maneira tal, que dependem, segundo Girard, de uma representação distinta, e essa está bem ali, é Heathcliff!

Este mecanismo faz com que o todo social perca noções de racionalidade e moralidade, passando a requerer que a acusação de um indivíduo ou grupo, por toda população, aconteça. Contudo, a comunidade em torno de *Wuthering Heights* e *Thrushcross Grange* não seria capaz de dar fim a Heathcliff e muito menos de expô-lo em suas diferenças perante a homogeneidade. Heathcliff ressignifica a sua marca

vitimária e, ao imitar os seus modelos, não somente nega o nivelamento de suas crenças com aqueles, como também conquista as suas posições, passando a ocupar seus lugares e a exterminar cada um deles.

Contudo, a crença generalizada na existência de um comportamento diferente, por parte dos personagens presentes naquele dia em que, [...] “por volta das onze da noite”, o sr. Earnshaw, regressando a Wuthering Heights com [...] “um menino escuro, como se viesse do diabo” (BRONTË, 2020, p. 56-57) embrulhado em um casaco, faz de Heathcliff uma potencial vítima para o sacrifício. O mesmo acontece na cena narrada pelo sr. Lockwood:

O cômodo e a mobília não seriam em nada extraordinários se pertencessem a um simples fazendeiro do norte, de feição obstinada e pernas musculosas, cobertas por calções e polainas. Um sujeito assim, sentado em sua poltrona com uma caneca de cerveja farta de espuma apoiada na mesa redonda à sua frente, pode ser facilmente visto aqui na região, em um raio de oito ou nove quilômetros, se chegarmos na hora certa após o jantar. Mas o sr. Heathcliff forma um contraste singular com seu ambiente doméstico e estilo de vida: tem a aparência de um cigano de pele escura, mas nos trajes e nos modos é um cavalheiro; isto é, tanto quanto pode ser um fidalgo rural – um pouco desleixado, talvez, mas não a ponto de permitir que a negligência prejudique seu porte altivo e belo, embora taciturno. (BRONTË, 2020, p. 23)

Desta forma, Heathcliff é o único, naquela sala, que apresenta todos os requisitos de diferenciação necessários para ser elevado à condição de acusável de um crime que venha a abalar as estruturas sociais, mas o local não consegue converter a condição de violento de Heathcliff para sagrado, o que só acontece por meio da resignificação como devoto.

Não há mais em Wuthering Heights quem acuse Heathcliff de alguma ação banal ou de um grande atentado, gerador de uma falha imperdoável. Assim sendo, de acordo com a afirmação que se segue, Heathcliff é para sua comunidade o que Satanás é para a sociedade descrita pelos evangelhos:

A repetição da palavra Satanás é mais eloquente do que seria sua substituição por um pronome, mas o que a inspira não é o gosto pelo belo linguajar, mas o desejo de ressaltar o paradoxo fundamental de Satanás: ele é tanto um princípio de ordem quanto de desordem. (GIRARD, 2012, p. 62).

Portanto, assim como Satanás, Heathcliff possui esse paradoxo fundamental a vítima sacrificial, ou seja, Heathcliff significa ao mesmo tempo, a maldição que assola, e o sagrado que agrega e apazigua:

O Satanás expulso é quem fomenta e exaspera as rivalidades miméticas a ponto de transformar a comunidade numa fornalha de escândalos. O satanás que expulsa é essa mesma fornalha quando ela atinge um ponto de incandescência suficiente para desencadear o mecanismo vitimário. Para impedir a destruição de seu reino, Satanás faz de sua própria desordem, em seu paroxismo, um meio de expulsar a si mesmo. (GIRARD, 2012, p. 62).

Heathcliff representa exatamente essa figura satânica em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Ele mesmo se orgulha em incorporar tal semelhanças e, conforme Brontë (2020, p. 361), Heathcliff é também ciente de que assim é visto pelos que estão a sua volta: “‘Você deve me tomar por um demônio’”, disse com seu riso macabro, ‘uma criatura monstruosa demais para viver sob um teto decente.’” Ele é exatamente este ser que faz da desordem por ele mesmo gerada, um meio de expulsar a si mesmo quando se sacrifica.

Dessa forma, o protagonista, que em outros momentos anteriormente citados é feito de bode expiatório, já não é mais o escândalo supremo pelo qual todos precisariam mimeticamente considerá-lo culpado. Heathcliff não tem a favor de sua sacralização, o mimetismo coletivo que convence a comunidade inteira, pois não há mais modelos, não há mais comunidade inteira que consiga, unanimemente, se convencer que Heathcliff é detentor de uma culpa real pelo caos que se alastrou ao longo da narrativa em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Deixa-se também de existir a possibilidade para criar uma relação causa/consequência, a ponto de que uma falha de semelhança com a comunidade surja, para que Heathcliff torne-se apto a vestir a capa de acusado diferente.

Heathcliff, que outrora possuía as marcas que o tornariam “o ímã mais forte a ponto de atrair para si os elementos de sacrifício” (PONE, 2019, p. 101), as ressignifica. E isto não faz com que a teoria mimética deixe de ter a sua relevância, pelo contrário, nas leituras pelas obras do pensador francês, pode-se constatar que, Girard mesmo, não argumenta a favor de que o seu pensamento teórico sobre o bode expiatório esteja para a humanidade enquanto uma espécie de defesa universal inalterável.

Devemos reforçar que nem todos os acusados para o sacrifício assim o podem ser. No caso de Heathcliff, pensamos que, a inexistência de modelos no final do romance é um ponto de altíssima relevância para nossa análise. Não há mais acusações e muito menos motivos para essas, uma vez que o modelo triangular do

desejo não faz mais sentido, com a ausência de todos os rivais. Logo, encontramos um Heathcliff devoto, que confessa inconscientemente, o seu posto de devoção ao dizer que, em seu caso final, continuar com o ciclo de exasperação das rivalidades miméticas a ponto de dá origem e aguardar o advento de novos modelos:

[...] É como tentar desenrolar uma mola de ferro: é à custa de uma força abissal que executo o menor dos atos, nunca de modo natural. Faço esforço para reparar em tudo, vivo ou morto, que escape à ideia fixa que guia meus pensamentos. Tenho um só desejo, e todo meu ser e suas capacidades anseiam por sua realização. Nutro-o há tanto tempo, e com tanta contumácia, que estou convicto de que o realizarei, e em breve, pois já devorou minha existência. A espera por tal concretização está me consumindo.' [...] Que luta, meu Deus, como gostaria que chegasse ao fim! (BRONTË, 2020, p. 351).

Mediante o exposto anteriormente, entende-se que Heathcliff é carregador de ódio coletivo, mas que, forte demais para lidar com aqueles ao seu redor, não pode mais ser exposto enquanto acusado diferenciado, decidindo pelo auto sacrifício, marca do devoto de Agamben, que é aquele que de maneira voluntária decide se sacrificar.

No momento em que não há mais o que desejar, não há mais a quem imitar e provocar nele mesmo, o desejo pelos objetos que os outros provocam em nós que os desejemos. Para tanto, a questão deixa de ser mimética e volta-se, pela capacidade de volição intrínseca, a devoção. Confirmamos, portanto, que em *O Morro dos Ventos Uivantes*, o devoto é um bode expiatório que assim o decide ser².

O que revela semelhança entre o conceito do devoto com o conceito do bode expiatório girardiano é a importância de remissão que se pode extrair do sacrifício de ambos. Tanto um quanto o outro, apresentam a própria existência à disposição do extermínio do mal comunitário, em que pese, contudo, o fato do poder de decisão do devoto o ser fundamental para dar significado a esta função consciente ou inconsciente da expiação. Desta forma, de acordo com o que argumenta Pone (2019, p. 114), “A existência do bode expiatório sem a vontade de o ser para ser utilizado para aplacar a ira geral é parte da descrição do mecanismo, mas um devoto sem vontade para tal, não existiria”.

Pensem com Agamben:

² Essa conclusão é inspirada por aquela tida pelo pesquisador Pedro Pone em sua tese de Doutorado (PONE, 2019), ao analisar as figuras sacrificiais no cinema capresco. Entendemos que as relações entre devoto e bode expiatório nos dois trabalhos são semelhantes.

Se voltamos então a observar sob esta perspectiva a vida do *homo sacer*, é possível assemelhar a sua condição àquela de um devoto sobrevivente, para o qual não seja mais possível nenhuma expiação vicária, nem substituição alguma por um colosso. O próprio corpo do *homo sacer*, na sua matável insacriticabilidade, é o penhor vivo da sua sujeição a um poder de morte que não é, porém o cumprimento de um voto, mas absoluta e incondicionada. (AGAMBEN, 2010, p. 99).

Portanto, Heathcliff pode como devoto, “que consagra a vida aos deuses inferos para salvar a cidade de um grave perigo.” (AGAMBEN, 2010, p. 96). Contudo, é evidente em *O Morro dos Ventos Uivantes* que o desejo por consagrar a própria vida, para salvar a comunidade é, em nenhuma hipótese, o desejo consciente de Heathcliff.

De acordo com conceito de devoto anteriormente citado, podemos perceber, ainda mais, que Heathcliff não é a vítima única apresentada por Girard, não despertando os apetites de violência da comunidade, já que “o todos contra um” mimético é inexistente. Não há mais quem, inconscientemente, possa pensar em trazer de volta a calma ao interior da comunidade, a não ser o próprio Heathcliff que, ao não possuir mais os modelos que faziam com que o ciclo mimético provocasse o desejo e as rivalidades escolhe, em seu jejum obstinado e repetidas noites sem dormir, pôr fim à violência social local.

Heathcliff enfim conclui o seu auto flagelo e se sacrifica, e já que o caos necessário para que o processo se desencadeie no bode expiatório girardiano não acontece, pensamos o protagonista como o devoto que Giorgio Agamben comenta em *Homo Sacer*.

[...] Não solicitou mais a companhia de ninguém. Ao anoitecer, recolheu-se em seu quarto. Durante toda a noite, e também ao amanhecer, o ouvimos gemer e falar sozinho.’ [...] Pedi que fosse buscar o dr. Kenneth para que ele examinasse Heathcliff.’ [...] Quando o médico chegou, bati à porta e pedi permissão para entrar. Tentei abri-la, mas estava trancada, e Heathcliff gritou lá de dentro para irmos todos para o inferno. Disse que estava melhor, nas queria ficar sozinho; assim, o doutor foi embora.’ [...] No dia seguinte, o clima estava chuvoso; a chuva caiu inclemente noite adentro.’ [...] Reparei que a janela do patrão estava escancarada.’ [...] Vou subir de vez para olhar.’ [...] O sr. Heathcliff estava lá dentro.’ [...] Quando encostei minha mão nele, não tive mais dúvida: estava morto e rígido! (BRONTË, 2020, p. 361-362).

Podemos ver, perfeitamente, em Heathcliff, o que Girard (2012, p. 67) defende como “uma antropologia do desejo mimético, das crises resultantes e dos fenômenos de multidão que dão fim a essas crises”? Em parte, sim! E esse questionamento pode ser perfeitamente respondido na costura entre os conceitos de Agamben e Girard.

Heathcliff é a figura impura do desejo mimético girardiano no romance, que perfeitamente serve para acusação e exposição pelo crime indiferenciador desta comunidade a quem serve de exemplo negativo por ser diferente, para logo em seguida, dialogando com Agamben, enquanto devoto, decidir por vontade própria, ser elevado ao patamar de importância e devoção. Temos, por fim, um sacrifício!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, em nosso trabalho, a pertinência da análise do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, a partir das direções dadas pela Teoria Mimética de René Girard. No entanto, o problema do bode expiatório no romance nos propôs um desafio que exigiu diálogo com teorias outras sobre sacrifício, como a de Agamben (2010). Assim, podemos entender que a figura do bode expiatório não apenas se faz pelo levante da coletividade, como defendido em Girard, mas, também, pela decisão individual, consciente ou inconscientemente, numa sociedade em que os modelos do desejo sucumbiram.

Entender o desejo triangulado é muito mais que esquematizar os indivíduos, a saber: desejador; mediador; objeto. É, também, compreender como as crises miméticas surgem, dando origem à violência criada pela imitação dos desejos. Chegar a este entendimento envolveu mergulhar no universo do romance por nós estudado, criando uma necessidade deste entendimento do romance e de sua época e de como a violência neste é forte, nos levando a perceber o caráter universalizante da teoria girardiana. Para o pensador francês, a violência é fundacional e isto não significa apenas sua existência nos primórdios, uma vez que ela pode ter caráter basilar a cada geração e em diferentes contextos sociais. A violência, portanto, é fundadora de cada momento histórico e o que nos ressalta isso é o caráter imitativo das personagens de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Fez-se necessário, ainda, entender os processos que envolvem os dois modelos de imitação girardiana, fundamental para que se possa compreender, como as crises são constitutivas e cíclicas em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Desta forma, além de entender a violência enquanto um modelo de gestão que originou e mantém as sociedades humanas, podemos confirmar que as sociedades sempre tenderão a deslocar essa violência para bodes expiatórios que assumam a culpa, por imposição desta, ou como podemos perceber, por meio do conceito de devoto de Agamben, pela escolha do próprio indivíduo em se pôr como sacrifício.

Logo, descobrimos em Heathcliff elementos que o tornam diferenciável àquela sociedade indiferenciada. É este o fator rotulador, já no início da narrativa, que faz de Heathcliff o bode expiatório escolhido pela coletividade em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Contudo, os momentos conclusivos na narrativa britânica quebram a razão do esquema puramente girardiano que, segundo Vinolo (2012, p.14): “Em Girard esses momentos se definem da seguinte forma: a horda indiferenciada e violenta, o assassinato comunitário do bode expiatório e o retorno à paz que restitui a diferença”. Sendo assim, a quebra esquemática se dá no segundo momento apontado por Vinolo, uma vez que argumentamos neste trabalho, que Heathcliff não é um bode assassinado por levante comunitário e, sim, por sua devoção que, posteriormente, faz deste, um personagem sagrado.

A sacralização, em nível intratextual, se dá por conta de termos os narradores insistindo em repassar a história ao narratário, perpetuando um caráter mítico no acontecido a Heathcliff. Isto é possível por vias do sacrifício, ainda que um auto sacrifício, que devolve a paz social ao conter os ciclos de violência, fazendo com que o caráter traumático das memórias vividas pelos personagens sejam cada vez mais suavizadas, demovendo Heathcliff do local monstruoso e pernicioso e elevando-o a narrativa a ser passada para frente, fazendo dele uma imagem sacralizada.

A melhora na sociedade local é notável, ainda, pois os personagens que herdaram os bens acumulados nas vinganças desenfreadas de Heathcliff melhoram o ambiente em caráter de civilização. A maior marca disso é Hareton, que aprende a ler pelas mãos da Catherine II, apontando um futuro longe da ignorância pelas luzes da educação.

Finalizamos constatando futuras possibilidades de trabalho acadêmico. Provavelmente, há obras com maior ou menor proeminência dos eventos miméticos, mas, ainda assim, um olhar mais atento pode nos fazer captar uma ou outra ocorrência da teoria girardiana. Sendo assim, um caminho de pesquisa interessante é a leitura de girardiana de obras outras da tradição britânica, principalmente em progressão (ou regressão) cronológica, de forma a perceber de maneira evolutiva a questão mimética nessa tradição.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Sociedade Bíblica Ibero-Americana. Niteroi/RJ: BV Films Editora, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2002.

ANÔNIMO. Resenha no Douglas Jerrold's Weekly Newspaper. In: BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.

ANSPACH, Mark R. **Édipo Mimético**. São Paulo: É Realizações Editoriais, 2012.

BRONTE, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.

CARVALHO, Edgard de Assis. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista; 1990.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIRARD, René. **Mentira Romântica, Verdade Romanesca**. São Paulo: É Realizações Editoriais, 2009.

GIRARD, René. **Aquele por quem o escândalo vem**. São Paulo: É Realizações Editoriais, 2011.

GIRARD, René. **Eu via Satanás cair como um relâmpago**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

GOLSAN, Richard J. **Mito e Teoria Mimética**: uma introdução ao pensamento girardiano. São Paulo: É Realizações Editoriais, 2014.

HELOISA, Márcia. Prefácio. In: BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.

KIRWAN, Michael. **Teoria Mimética: conceitos fundamentais**. São Paulo: É Realizações, 2015.

PONE, Pedro F. M. **Desejo e Sacrifício no Cinema Capresco**: Uma Leitura Girardiana. Tese de Doutorado em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Pau dos Ferros, 2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. **A Conversão da Arte**. São Paulo: É Realizações, 2011.

SCOZ, Eduardo Gern. A Crítica de Emily Brontë em *O Morro dos Ventos Uivantes*. In: **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 9, nº. 1, 2018.

TEODORESCU, Adriana. **The life and the work of the Brontë sisters**. Bucureste: Christian University, 2007.

VINOLO, Stéphane. **René Girard**: do mimetismo à hominização. São Paulo: É Realizações, 2012.

WASOWSKI, Richard P. **Introduction to the novel**. In: *Cliffs Notes Wuthering Heights*. Hoboken: Wiley Publishing, Inc., 2001, pp. 6-8.